

**Área:** Sustentabilidade | **Tema:** Produção, Cadeia de Suprimento e Logística Sustentável

**A IMPORTÂNCIA DAS FEIRAS LIVRES DA ASSOCIAÇÃO REGIONAL DE PRODUTORES  
AGROECOLÓGICOS DA REGIÃO SUL (ARPA-SUL): O GRUPO AGROECOLÓGICO DO REMANSO -  
CANGUÇU/RS**

**THE IMPORTANCE OF FREE FAIRS OF THE REGIONAL ASSOCIATION OF AGROECOLOGICAL  
PRODUCERS IN THE SOUTHERN REGION (ARPA-SUL): THE REMANSO'S AGROECOLOGICAL  
GROUP - CANGUÇU/RS**

Queli Rejane Da Silva Konzgen e Jussara Mantelli

**RESUMO**

Este artigo objetiva compreender a importância das feiras livres da Associação Regional de Produtores Agroecológicos da Região Sul (ARPA-SUL) para a reprodução social e econômica do Grupo Agroecológico do Remanso, localizado no 1º distrito do município de Canguçu/RS. O grupo criado em 1995, é resultado de um trabalho desenvolvido pelo Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia (CAPA) e se constitui em uma associação local, que por sua vez está ligada a ARPA-SUL. Esta pesquisa é resultado de revisão bibliográfica sobre feiras livres e do levantamento, sistematização e análise de dados primários junto às famílias pertencentes ao Grupo Agroecológico do Remanso. O grupo, no decorrer da pesquisa em 2018 era constituído por 10 famílias, sendo que todas foram entrevistadas. Além das entrevistas com os agricultores, foi aplicada uma entrevista com o presidente da ARPA-SUL e com o técnico agrícola do CAPA. As entrevistas foram transcritas e assim, os dados e informações foram organizados na forma de tabelas, quadros e textos. Com isso, foi estabelecida uma análise e interpretação das falas dos entrevistados e feita uma relação com a literatura escolhida para embasar teoricamente a pesquisa. Constatou-se que a comercialização nas feiras livres é uma importante estratégia de reprodução social e econômica adotada pelo grupo estudado, mas isso só é possível porque o mesmo está organizado na forma de associação e vinculado à ARPA-SUL. O grupo está organizado e estruturado, a produção é praticamente toda comercializada de forma direta nas feiras coordenadas pela ARPA-SUL, porém o problema mais importante por eles enfrentado refere-se à falta de mão de obra nas unidades familiares, o que dificulta a expansão da produção agroecológica e conseqüentemente acarreta uma diminuição da quantidade de produtos nas feiras.

**Palavras-Chave:** Feiras Livres. Agroecologia. Associação. ARPA-SUL. Grupo Agroecológico do Remanso.

**ABSTRACT**

This article aims to understand the importance of free markets of the Regional Association of Agroecological Producers of the Southern Region (ARPA-SUL) for social and economic reproduction of the Remanso's Agroecological Group, located in the 1st district of the municipality of Canguçu / RS. The group created in 1995, is the result of a work developed by the Center for Support and Promotion of Agroecology (CAPA) and it constitutes a local association, which in turn is linked to ARPA-SUL. This research is the result of a bibliographic review about free markets and the survey, systematization and analysis of primary data with families belonging to the Remanso Agroecological Group. The group, during the research in 2018 consisted of 10 families, all of which were interviewed. In addition to interviews with farmers, an interview with the president of ARPA-SUL and the agricultural technician CAPA was applied. The interviews were transcribed and thus the data and information were organized in the form of tables, charts and text. Thus, an analysis and interpretation of the interviewees' statements was established and a relationship was made with the literature chosen to theoretically support the research. It was found that commercialization in free markets is an important strategy of social and economic reproduction adopted by the studied group. but this is only possible because it is organized in the form of association and linked to ARPA-SUL. The group is organized and structured, the production is practically all sold directly at the fairs coordinated by ARPA-SUL, however the most important problem they face concerns the lack of labor in family units, which hinders the expansion of agroecological production and consequently leads to a decrease in the amount of products at the fairs.

**Keywords:** Free fairs. Agroecology. Association. ARPA-SUL. Remanso's Agroecological Group.

# A IMPORTÂNCIA DAS FEIRAS LIVRES DA ASSOCIAÇÃO REGIONAL DE PRODUTORES AGROECOLÓGICOS DA REGIÃO SUL (ARPA-SUL): O GRUPO AGROECOLÓGICO DO REMANSO – CANGUÇU/RS

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo resulta da dissertação de mestrado intitulada: “As estratégias socioeconômicas da agricultura familiar: perspectivas de permanência e continuidade do Grupo Agroecológico do Remanso – Canguçu/RS”, defendida em março de 2019, junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Tem como objetivo geral compreender a importância das feiras livres da Associação Regional de Produtores Agroecológicos da Região Sul (ARPA-SUL) para a reprodução social e econômica do Grupo Agroecológico do Remanso, que está situado na localidade do Remanso, no 1º distrito do município de Canguçu no Estado do Rio Grande do Sul. O grupo, criado em 1995 por estímulo do Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia (CAPA), é uma associação local, que por sua vez está ligado a ARPA-SUL.

As feiras livres são relevantes quanto as questões econômicas e sociais, principalmente, da agricultura familiar e também são espaços públicos, socioeconômicos e culturais. Esse canal de comercialização perante o consumidor é dinâmico e diversificado e compreende um espaço onde é divulgada a proposta de produção ecológica para a sociedade (GODOY; SACCO DOS ANJOS, 2007).

A localidade do Remanso, distante 30 km da sede urbana de Canguçu é o recorte espacial da pesquisa e de acordo com Peter (2011), é constituída por aproximadamente 80 famílias, principalmente descendentes de pomeranos e italianos.

A elaboração desse trabalho ocorreu por meio de uma breve revisão bibliográfica sobre as feiras livres e também pelo levantamento de dados primários junto às famílias pertencentes ao Grupo Agroecológico do Remanso. O grupo, no período da pesquisa, era constituído por 10 famílias, sendo que todas foram entrevistadas durante a segunda quinzena do mês de julho de 2018 e na primeira quinzena do mês de agosto do mesmo ano.

A entrevista semiestruturada foi a principal técnica de coleta de informações no campo da pesquisa. Além das entrevistas com os agricultores, foi entrevistado o presidente da ARPA-SUL no mês de agosto de 2018 e o técnico agrícola do CAPA, no mês de dezembro de 2018. Tanto a ARPA-SUL quanto o CAPA possuem suas sedes na cidade de Pelotas e seus representantes são caracterizados como mediadores do grupo em estudo. Estas instituições desenvolvem um importante papel na organização produtiva e comercial e proporcionam a assistência técnica aos produtores.

As entrevistas realizadas tanto com os mediadores quanto com os agricultores foram gravadas e transcritas e assim, os dados coletados foram tabulados e organizados na forma de textos, tabelas, quadros, entre outros. Com isso, foi feita a análise e interpretação das falas dos entrevistados e relacionado com a literatura utilizada. Durante a transcrição das entrevistas foram realizados pequenos ajustes ortográficos e no transcorrer do trabalho o uso do itálico compreende a fala dos entrevistados.

Plein e Schneider (2004) enfatizam que a agroecologia é uma das estratégias de reprodução da agricultura familiar e compreende uma alternativa para os agricultores, já que existe a procura por produtos diferenciados, sem o uso de agrotóxicos e não transgênicos. “A agricultura familiar tornou-se o principal *locus* para o desenvolvimento deste sistema de produção, visto que, as características particulares da organização familiar melhor comportam os princípios e práticas agroecológicas” (FINATTO; CÔRREA, 2011, p. 280).

## 2 BREVE DISCUSSÃO TEÓRICA

As feiras livres compreendem um canal de comercialização com características muito particulares, ocasionando aproximação, interação e troca de saberes, entre o rural-urbano e, sobretudo do próprio rural, através do conhecimento dos agricultores e das suas experiências (GODOY; SACCO DOS ANJOS, 2007).

De acordo com Lucena e Germano (2016), as feiras livres remontam desde quando os seres humanos deixaram de ser nômades, quando passaram a domesticar animais, desenvolvendo a agricultura e fazendo o uso das trocas. No Brasil, os autores consideram a história oficial, com isso, as feiras na forma que encontramos ainda hoje remontam ao período colonial, implantada pelos portugueses.

Santos (2013) embasado em Mott (1975) expõe que já existiam trocas entre os nativos antes da chegada dos europeus no Brasil. Todavia:

[...] não se pode chamar essa forma de comércio de feira, mas pode-se pensar, a partir daí, no estabelecimento dessa atividade comercial periódica no Brasil, implantada pelos colonizadores portugueses, tendo surgido devido ao aumento da população e também à diversificação econômica. Segundo esse autor, a primeira referência de feira no Brasil data de 1548, quando no Regimento enviado ao Governador Geral, o rei Dom João III, ordenava “que nas ditas vilas e povoados se faça em um dia de cada semana, ou mais, se vos parecerem necessários, feira [...]” (MOTT, 1975, p. 309). Vale ressaltar que, já tendo experiência com feiras, aos portugueses não interessavam abastecer a população local, mas sim explorá-la, através da reunião dos produtos que eram expostos pelos nativos (SANTOS, 2013, p. 43).

Para Minnaert (2008) as feiras livres são mais do que espaços de comercialização, são locais dinâmicos de uma sociedade em determinado momento, ofertando produtos locais e a circulação de mercadorias. “Atualmente, longe de serem grandes centros comerciais, as feiras são locais de pequeno comércio, onde as pessoas vão adquirir produtos necessários à subsistência” (MINNAERT, 2008, p. 130).

As feiras livres fazem parte da paisagem urbana, pois esse modo de comercialização dos alimentos faz sentido para os consumidores (VEDANA, 2013). Mesmo com a presença de supermercados e hipermercados as feiras continuam existindo, pois é um espaço de trocas financeiras, assim como, simbólico e místico. Por estarem principalmente localizadas em vias públicas, permite o desenvolvimento de atividades religiosas, políticas e artísticas (LUCENA; GERMANO, 2016).

No que se refere às feiras agroecológicas, as mesmas eliminam a figura do intermediário, com isso, os agricultores vendem seus produtos a um preço mais justo. As feiras são espaços coletivos que reúnem associações e grupos, desempenhando um importante papel na organização e no planejamento da produção (BUCHWEITZ, 2003). A produção agroecológica:

[...] apresenta-se com uma alternativa viável, a qual permite ao agricultor maior independência frente ao processo produtivo, além da possibilidade de agregar valor aos produtos cultivados na unidade familiar e comercializar a sua produção diretamente ao consumidor final (RADÜNZ; RADÜNZ, 2017, p. 18).

Sagaz (2006) elenca que a agroecologia não possui uma definição única, porém uma base conceitual que vai sendo atualizada ao longo do tempo. Com isso, na base conceitual:

[...] são incluídos o uso racional dos recursos naturais locais; a busca de auto-suficiência energética e de produção de insumos; a valorização do conhecimento empírico local; a diversidade e a integração de atividades na unidade de produção; a promoção do associativismo; o resgate das variedades tradicionais de sementes; a implantação local de pequenas unidades de beneficiamento artesanal de alimentos; o estímulo à comercialização direta (SAGAZ, 2006, p. 73).

A prática agroecológica possibilita a sustentabilidade e a permanência de agricultores familiares no meio rural. Além da produção para o autoconsumo, os agricultores estão adotando estratégias de inserção no mercado de modo sustentável. Uma alternativa de espaço de comercialização são as feiras agroecológicas. Esses espaços de comercialização possibilitam o empoderamento político entre os envolvidos. São iniciativas e ações sociais que vão além da propriedade familiar, visto que, oportuniza o desenvolvimento da autonomia (SANTOS, *et al.* 2014).

A agroecologia é uma prática de agricultura sustentável, valorizando o conhecimento do agricultor, compreende ainda, um modo de produção e uma estratégia não apenas de reprodução social e econômica das famílias, mas de resistência ao modelo dominante de agricultura. E as feiras livres são os principais canais de comercialização desse tipo de produção.

Em muitos casos para o desenvolvimento da produção e da comercialização dos produtos agroecológicos, os agricultores se organizam em associações e segundo Tubaldini, Fonseca e Gianasi (2012, p. 8) com base em Ricciardi e Lemos (2000) o associativismo rural é:

[...] como instrumento de luta dos pequenos produtores que promove a permanência na terra, elevação do nível de renda e de participação como cidadãos. Em vista disso, o associativismo possui um caráter social e é balizado em princípios de confiança e a participação dos seus membros, sendo assim, a adesão é livre e as metas envolvem a aglutinação de pessoas que detenham objetivos comuns e/ ou coletivos.

Para Oliveira (2010, p. 23), a organização através de associações é uma relevante estratégia “para o desenvolvimento das atividades produtivas em pequenas propriedades de produção familiar, sobretudo, pela superação das barreiras impostas pelo capital comercial e industrial”.

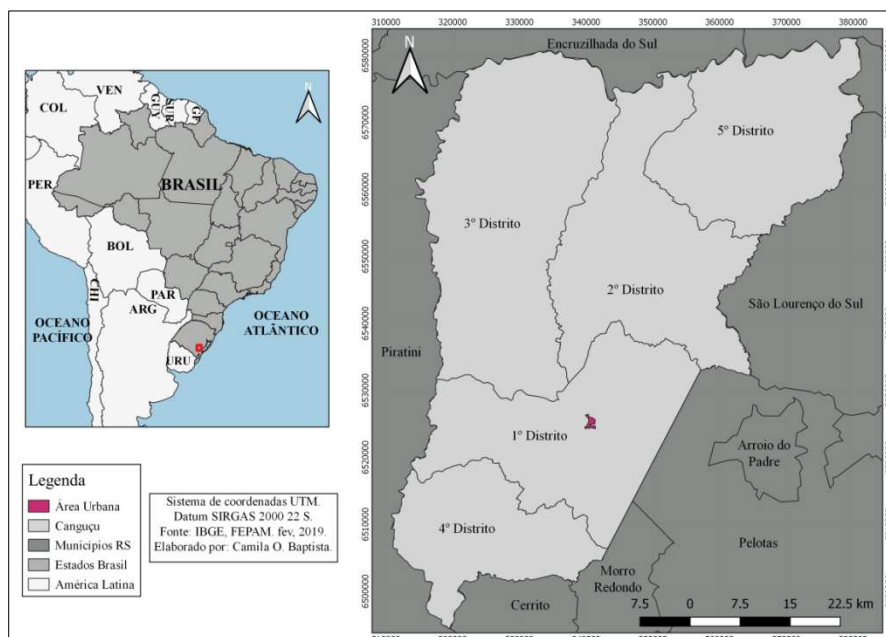
As atividades econômicas que as associações rurais desenvolvem segundo Christoffoli (2016, p. 183-184) são: “associações de máquinas (tratores, caminhões etc.), associações para venda da produção, para realização de feiras livres, para comercialização e industrialização de produtos”.

O associativismo é uma organização coletiva, tendo como principal objetivo o interesse comum do grupo. Sendo esta organização importante para os pequenos agricultores e estão inseridos no conjunto das estratégias de reprodução social e econômico da agricultura familiar.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

O município de Canguçu está localizado na região fisiográfica da Serra do Sudeste, no Escudo Cristalino Sul-rio-grandense, no Estado do Rio Grande do Sul (Figura 1). Situado a aproximadamente 52 km do município de Pelotas e a 274 km de distância de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, o mesmo é dividido em cinco distritos: o primeiro distrito abrange a sede municipal e as localidades mais próximas da sede; e os outros quatro distritos localizam-se mais distantes da parte urbanizada.

Figura 1 - Mapa de localização do município de Canguçu/RS



Fonte: Elaborado por Camila O. Baptista.

Canguçu é conhecido como a “Capital Nacional da Agricultura Familiar” por ser o município brasileiro que apresenta o maior número de pequenos estabelecimentos familiares. Conforme o Censo Agropecuário (2006), o município contava com 9.881 estabelecimentos agropecuários, dos quais 8.774 eram estabelecimentos familiares e 1.107 eram estabelecimentos caracterizados como não familiares. E diferentemente da realidade da maioria dos municípios brasileiros, atualmente em Canguçu, ainda predomina a população rural, ou seja, do total de 53.259 habitantes, 33.565 (63,02%) residem na área rural e sobrevivem de atividades relacionadas à agricultura (IBGE, 2010).

Segundo a entrevista realizada com o presidente da Associação Regional de Produtores Agroecológicos da Região Sul (ARPA-SUL), essa instituição foi fundada em 17 de setembro de 1995 e tem como objetivo proporcionar aos agricultores um espaço de venda dos seus produtos, evitando assim, a figura do intermediário no processo de comercialização.

O grupo do Remanso está ligado a esta instituição desde o princípio, nasceu com a ARPA-SUL, conforme relato do presidente entrevistado. A ARPA-SUL fornece toda a infraestrutura que o agricultor precisa para desenvolver as atividades produtivas. No caso do grupo em estudo, a instituição disponibilizou um caminhão para possibilitar o transporte dos produtos até as feiras. A associação possui um banco interno, onde são disponibilizados os recursos para os agricultores em um fundo rotativo, formando um fundo de caixa da associação que reverte para os agricultores. Ou seja, a ARPA-SUL disponibiliza um empréstimo no valor máximo de 5 mil reais, que poderá ser pago no prazo máximo de 1 ano, sendo 6 meses sem juros e a partir do sexto mês, 1% de juro ao ano. O valor máximo é para abranger maior número de agricultores.

As instituições bancárias cobram altas taxas de juros e demandam uma burocracia que muitas vezes inibe os agricultores de realizarem as operações, com isso a instituição disponibiliza esse serviço de forma mais simples e adequada aos anseios dos produtores. A ARPA-SUL também realiza todo o serviço de divulgação do trabalho da agroecologia, do nome das famílias produtoras e do contexto da entidade. Os rótulos e as fichas de controle são fornecidos pela entidade que arrecada de cada agricultor 2,5% do total das vendas nas feiras

para o fundo da ARPA-SUL e esse fundo abrange toda essa gama de serviços, como instalação, licenças, taxas, manutenção da lona da feira, entre outros serviços.

Conforme a Tabela 1, a ARPA-SUL é constituída por 23 famílias, distribuídas em 05 municípios da região sul do Rio Grande do Sul e observa-se na citada tabela que o Grupo do Remanso se destaca quanto ao número de famílias.

Tabela 1 - Municípios, grupos e número de famílias associadas na ARPA-SUL

<b>Municípios</b>	<b>Grupos</b>	<b>Número de Famílias</b>
Pelotas	Grupo Vila Nova	04
Morro Redondo	Grupo Caneleira	04
Arroio do Padre	Grupo Arroio do Padre	03
Canguçu	Grupo Remanso	10
Canguçu	Grupo Amegril	01
Turuçu	Grupo Turuçu	01
<b>Total</b>	<b>-</b>	<b>23</b>

Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

A outra instituição parceira, representada pelo Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia (CAPA) foi fundada em 1978. O principal objetivo dessa instituição, segundo o técnico agrícola entrevistado, é de levar comida boa na mesa de todos os cidadãos, não só para as classes sociais com maior poder aquisitivo.

O CAPA foi criado pela Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), com o intuito de promover justiça social, no momento em que os pequenos agricultores familiares estavam sendo expulsos do meio rural, devido às consequências da Revolução Verde. Os impactos desse novo modelo econômico implantado estava gerando um empobrecimento dos pequenos agricultores e consequentemente o esvaziamento dos espaços rurais. Desde sua origem a instituição (CAPA) se preocupa com a pequena propriedade familiar descapitalizada, organizando os mesmos em grupos de pequenos agricultores e divulgando a agricultura agroecológica (IDE, 2008).

A instituição realiza no início de cada ano uma reunião com os agricultores integrantes do grupo pesquisado, onde é feita uma programação das atividades para todo o ano. Durante o ano ocorrem reuniões trimestrais com o grupo e no intervalo entre as reuniões o técnico agrícola visita as propriedades ou também quando é solicitado algum tipo de atendimento ou assistência por parte dos agricultores.

O Grupo Agroecológico do Remanso é composto por dez famílias de agricultores agroecológicos, e durante a pesquisa considerou-se sempre o grupo familiar como unidade de análise. O grupo estudado é constituído por um total de 32 pessoas, sendo 16 (50%) do sexo feminino e os outros 16 (50%) do sexo masculino. Quanto à faixa etária, predomina a força de trabalho ativa, ou seja, 53% da população está na faixa etária de 20 a 59 anos.

Sobre a escolaridade, do total de membros das famílias pesquisadas, 19 possuem o ensino fundamental incompleto, sendo nove do sexo feminino e dez do sexo masculino. Duas pessoas, do sexo feminino, possuem o ensino fundamental completo. Quatro têm o ensino médio incompleto, duas do sexo feminino e dois do sexo masculino. Seis têm o ensino médio completo, destes, três do sexo masculino e três do sexo feminino. E um, do sexo masculino, não está em idade escolar. Com isso, constata-se uma baixa escolaridade de pouco mais da metade da população de ambos os sexos que compõe o universo das famílias entrevistadas. Vale ressaltar que das 19 pessoas que possuem o ensino fundamental incompleto, quatro ainda estão cursando este nível escolar.

É perceptível que os membros das famílias com menor grau de instrução formal pertencem à população a partir dos 30 anos de idade. Essa baixa escolaridade é consequência da inexistência, até o início do século XXI, de escolas com ensino fundamental completo no meio rural. Com isso, a precária condição financeira dos pais, que não conseguiram manter seus filhos nas escolas no meio urbano, associado a realidade dos filhos com necessidade de auxiliar nas tarefas da unidade familiar, essa população acabou impossibilitada de concluir a educação formal.

Referente à formação da renda nas propriedades, o resultado das entrevistas realizadas permitiu observar que as 10 famílias integrantes do grupo vendem produtos agrícolas, sete vendem produtos da pecuária e seus derivados, cinco responderam que pelo menos um membro da família é aposentado ou pensionista do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), um desempenha atividades agrícolas fora da propriedade e seis do total de agricultores estudados disseram que parte da renda é formada por atividades não agrícolas dentro da propriedade.

Os agricultores associados ao Grupo Agroecológico do Remanso produzem uma grande diversidade de produtos agrícolas, com destaque aos seguintes: abóbora, abobrinha, cenoura, beterraba, alface, temperos verdes (salsa e cebolinha), rúcula, repolho, brócolis, tomate, espinafre, fava, feijão, ervilha, couve, couve-flor, pepino, mostarda, rabanete, pimentão, cebola, alho, vagem, mandioca, batata-inglesa, batata-doce, amendoim, fumo ecológico, milho verde, milho, maracujá, laranja, morango, uva, caqui, limão, melão, figo, entre outros.

Os produtos agrícolas, com exceção do fumo ecológico e do milho, são comercializados junto às feiras da ARPA-SUL. O grupo participa de todas as feiras, ou seja, de três feiras durante a semana, duas na cidade de Pelotas e uma na cidade de Canguçu, conforme pode ser visualizado no Quadro 1. Alguns agricultores comercializam uma pequena parcela da produção para programas institucionais como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), via Cooperativa Sul Ecológica, e apenas um agricultor vende alguns dos seus produtos como laranja, alho e ervilha para um restaurante ecológico localizado na cidade de Pelotas.

Quadro 1 - Informações sobre locais e horários das feiras de comercialização do Grupo do Remanso

<b>Cidade</b>	<b>Endereço</b>	<b>Dia da semana</b>	<b>Horário</b>
Pelotas	Avenida Bento Gonçalves, em frente ao 4º BPM – Quartel da Brigada Militar.	Terças-feiras	07:00 às 13:00
Canguçu	Rua Praça Dr. Francisco Carlos dos Santos, em frente à Prefeitura Municipal.	Quintas-feiras	07:00 às 13:00
Pelotas	Avenida Dom Joaquim, esquina República do Líbano.	Sábados	07:00 às 13:00

Pesquisa de campo, 2018.

O fumo ecológico é cultivado por um dos entrevistados, sendo esta produção integrada com a indústria Japan Tobacco International (JTI). O agricultor informou que, devido à produção ser orgânica, ele recebe no final da safra, considerando a média final, um incentivo de 60% em dinheiro a mais do que o produto convencional. Esse tipo de produção (fumo ecológico) gera renda, mas é um produto não alimentício, exportado, considerado uma *commodity* agrícola e sua finalidade é essencialmente para a fabricação do cigarro.



O milho é produzido principalmente para a alimentação dos animais, e o seu excedente é comercializado. Esse tipo de cultivo apresenta vários propósitos, pois é usado tanto na alimentação humana quanto na dos animais, e a cana do milho que não é utilizada serve até mesmo como adubação para recompor a matéria orgânica no solo.

Além da grande diversidade da produção vegetal os agricultores criam os seguintes animais: porco, galinha, pato, ovelha, carneiro, gado de corte, gado leiteiro e peixe. A criação de animais e seus derivados são essencialmente para o consumo alimentar das famílias, podendo o excedente ser comercializado nas feiras, dependendo da quantidade produzida e das normas atribuídas para a comercialização dos produtos de origem animal.

Segundo Toso, Cardoso e Furtado (2013), a criação de animais é essencial no sistema de produção agroecológica, uma vez que, gera a produção de esterco que contribui para garantir a sustentabilidade, reduz ou elimina a compra de insumos externos, que podem conter vestígios de agrotóxicos. A criação de animais proporciona diversidade produtiva, contribuindo na segurança alimentar das famílias e gerando renda com a venda do excedente da carne e seus derivados.

Na produção agroecológica, a diversificação produtiva, como a produção de hortaliças, verduras, frutas e criação de animais são indispensáveis. Uma propriedade diversificada apresenta menor ataque de doenças, solos mais equilibrados, maior uso dos insumos, como o esterco, maior diversidade de alimentos para o autoconsumo familiar e maior chance de ter uma renda mensal (ALTIERI; SILVA; NICHOLLS, 2003).

Ainda com relação à formação da renda nas propriedades, os agricultores informaram que os recursos recebidos em forma de aposentadoria e pensão são investidos na propriedade. Segundo a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG) – 2016, o acesso à previdência social rural, além de contribuir para a subsistência do beneficiado e de sua família, é usado, em muitos casos, para o financiamento das atividades produtivas da unidade familiar, ocorrendo assim, a continuidade da família no desenvolvimento da agricultura.

Apenas um dos entrevistados exerce atividades agrícolas fora da propriedade, ou seja, é empregado rural e pouco se envolve com a produção agroecológica na propriedade familiar.

Quanto às atividades não agrícolas dentro da propriedade, um entrevistado declarou que possui uma mecânica de trator na propriedade; uma entrevistada vende artesanato doméstico; e existe o processamento de alguns produtos caseiros, como suco de uva, mel, rapadura, extrato de tomate, entre outros. Cabe salientar que não há agroindústrias familiares e, quando algum tipo de produto, como tomate, por exemplo, excede a demanda de venda *in natura*, o extrato de tomate é produzido de forma artesanal. Segundo a visão de Schneider (2001) e Sacco dos Anjos (2003), a combinação de atividades agrícolas e não agrícolas por pelo menos um membro da unidade familiar tanto dentro quanto fora da propriedade e mantendo a moradia e ligação com a agricultura compreende o fenômeno da pluriatividade. Segundo Sacco dos Anjos (2003, p. 246), a pluriatividade propicia:

[...] que os componentes de unidade familiar executem diversas atividades no interior ou fora da sua exploração agrária, com a finalidade de obter um ingresso econômico correspondente, de forma a que a convencional identidade entre família e unidade de produção deixa de existir.

Referente à atividade com maior importância econômica para as famílias pesquisadas, foi observado o predomínio da venda de produtos agrícolas. Para oito dos entrevistados o que gera maior renda é a venda de produtos agrícolas; uma respondeu que é a venda de produtos da pecuária e seus derivados; e para uma entrevistada, além da venda de produtos agrícolas, é a venda de produtos da pecuária e seus derivados e a atividade agrícola fora da propriedade.

Na questão da venda dos produtos nas feiras, os produtores do Remanso possuem uma forma de organização particular, na qual nem sempre todos os produtores se deslocam até os centros urbanos onde se localizam as feiras para a comercialização dos produtos. Os que participam diretamente nas feiras se deslocam com o meio de transporte (caminhão) da associação e, além dos seus produtos, levam e comercializam a produção dos que permanecem na propriedade.

A agroecologia prioriza a comercialização através dos chamados circuitos curtos, ou seja, a venda direta. A feira é um exemplo de circuito curto (SAGAZ, 2006). Na realidade estudada, percebe-se que esse tipo de venda compreende uma estratégia viável que proporciona a comercialização da produção, valorização monetária do produto, relação com o consumidor, renda e entrada de dinheiro semanal para as famílias. Quanto ao papel das feiras, Buchweitz (2003, p. 140), expõe que:

Cada vez mais, as feiras se tornam espaços de cidadania, onde produtores e agricultores são agentes na comercialização dos seus produtos. Além disso, os produtores saem do anonimato e criam uma relação direta com os consumidores. Este constante direto é importante, na medida em que serve como meio de avaliar o que se está fazendo e como se está cuidando do negócio.

Todos os membros das famílias pesquisadas estão envolvidos no trabalho na propriedade, mas quanto à comercialização, o envolvimento depende de cada família. Geralmente há um participante de cada família que se desloca para as feiras, e os feirantes são homens, mulheres e jovens. Uma das famílias estudadas possui um número maior de membros e no momento da entrevista cada filho fazia uma feira por semana, sendo que dos três filhos jovens que residem na propriedade e vão à feira comercializar os produtos, dois são do sexo masculino e uma do sexo feminino. A participação das mulheres na comercialização pode ser observada no relato de uma das entrevistadas: *Aqui na propriedade eu e o meu marido trabalhamos de igual para igual, mas a feirista sou eu*. As feiras agroecológicas para as mulheres:

[...] são espaços que fortalecem suas relações, por estarem tendo contato direto com seus consumidores, negociando e estreitando relações com outras mulheres. Essas feiras pressupõem relações sociais de uma produção mais justa e igualitária, já que antigamente o ato da produção, venda e compra era “tarefa masculina”, e as feiras agroecológicas quebram esses paradigmas, onde é um indicador que soma para contribuir com a agroecologia (SILVA *et al.* 2017, p. 5).

Todos os produtos que são produzidos na propriedade e comercializados na feira, da mesma forma são consumidos pelas famílias do grupo. Porém, nem tudo o que é consumido é produzido na unidade familiar, às famílias ainda compram no comércio essencialmente os seguintes produtos: arroz, açúcar, sal, café, farinha, massa e erva mate. Existem algumas famílias que compram o feijão, porque o mesmo não se adapta às condições climáticas e uma propriedade, por apresentar pequena dimensão, acaba não conseguindo criar animais para suprir o consumo da família, com isso, compram a carne quando necessário.

Os agricultores entrevistados antes de aderirem à produção agroecológica cultivavam no sistema convencional, principalmente milho, soja, feijão, cebola, trigo, batata-inglesa e fumo. Alguns dos agricultores mais antigos relataram que trabalhavam de modo agroecológico com seus pais, mas com a Revolução Verde algumas propriedades aderiram os pacotes tecnológicos. Conforme Machado e Filho (2014, p. 36), a agroecologia é compreendida:

[...] como um método, um processo de produção agrícola – animal e vegetal – que resgata os saberes que a “revolução verde” destruiu ou escondeu, incorporando-lhes

os extraordinários progressos científicos e tecnológicos dos últimos 50 anos, configurando um corpo de doutrina que viabiliza a produção de alimentos e produtos limpos, sem veneno, tanto de origem vegetal como animal, e, o que é fundamental, básico, indispensável, em qualquer escala. É, pois uma tecnologia capaz de confrontar o agronegócio, em qualquer escala.

Quanto aos produtos cultivados, uma das propriedades familiares pesquisadas ainda possui o cultivo do milho no sistema convencional, mas sem o uso de sementes transgênicas e nem agrotóxicos, apenas é usado ureia. Esse cultivo está em área separada da produção agroecológica da propriedade, porém é usado na alimentação dos animais da unidade familiar e o excedente é comercializado. As demais propriedades cultivam todos os produtos no sistema agroecológico. E o tamanho das propriedades varia de 0,5 a 21 hectares. Apesar dessa diferença entre as dimensões, notou-se na realidade empírica que todas as propriedades se reproduzem e os agricultores permanecem no meio rural desenvolvendo a agricultura agroecológica.

Quanto às perspectivas da agroecologia, segundo os agricultores estudados, o consumo e a produção tende a aumentar. A agroecologia compreende uma prática de agricultura sustentável e conforme os integrantes do grupo do Remanso a produção e comercialização apresentam alguns limites, como: falta de mão de obra, mudança de consciência do consumidor e restrição da venda de alguns produtos na feira.

A falta de mão de obra influencia diretamente na diminuição da produção, como relata uma das entrevistadas: *Não conseguimos produzir o tanto que poderíamos vender, pois as famílias tem pouca mão de obra. Poderíamos produzir mais porque tem oferta de mercado e não temos condições de assumir.* Com isso, grande parte das unidades apresenta mão de obra escassa. Pasqualotto, Godoy e Verona (2013, p. 72) expõe que:

Dentre os indicadores que avaliam a sustentabilidade de um agroecossistema, verifica-se que as questões ligadas à mão de obra e a respectiva sucessão nas unidades de produção, encontram-se entre os principais impasses enfrentados pela agricultura familiar na atualidade. Essas questões justificam-se pelo crescente número de jovens que migram do campo para os centros urbanos.

Quanto à mudança de hábitos alimentares do consumidor, alguns agricultores frisaram que não é apenas o alimento barato que a população deveria consumir, mas um alimento saudável, sem o uso de agrotóxicos e a diferença de valores dos alimentos produzidos de forma convencional e agroecológica não é tão grande, justifica um dos entrevistados. Saquet (2008) aborda que a população brasileira adquire:

[...] gêneros alimentícios dos mais variados tipos, não levando em conta a segurança alimentar. Com relação a este aspecto, é importante considerar o baixo poder de compra do brasileiro, levando-o a adquirir os produtos de menor preço. É sabido que os produtos orgânicos possuem custos mais elevados em função do volume de produção e produtividade mais baixos se comparados aos convencionais, porém, deveríamos levar em conta, primeiramente a qualidade do produto expresso pelo valor nutricional e segurança alimentar aos adquirirem os gêneros alimentícios (SAQUET, 2008, p. 148-149).

Sobre a restrição da venda de alguns produtos na feira, os agricultores estão se referindo principalmente a venda dos derivados da pecuária, como: ovos, leite, queijo, manteiga e banha. A venda desses produtos é restrita, pois segundo o entrevistado é necessário que os agricultores detenham um determinado selo para a venda dos mesmos e para consegui-lo a burocracia é enorme. A produção dos derivados de animais existe nas propriedades, mas em muitos casos é usada apenas para o próprio consumo das famílias, já que esses produtos estão restritos a comercialização nas feiras.

Do total de propriedades estudadas, uma (01) ainda não possui o Cadastro Nacional de Produtores Orgânicos e as demais são certificadas pela Rede Ecovida de Agroecologia<sup>1</sup>. As propriedades possuem a chamada Certificação Participativa, ela:

[...] é composta por uma série de instrumentos capazes de propiciar, simultaneamente, a verificação do cumprimento das normas e o aperfeiçoamento do processo produtivo. Como foi visto, ela está estruturada a partir de organizações de base; aproxima, pela venda direta e por visitas a unidades produtivas, agricultores membros de um grupo ou associação com os consumidores; e realiza o acompanhamento técnico e o controle externo. Este último é realizado periodicamente pelos outros membros do grupo e por um conselho de ética formado por pessoas não ligadas ao empreendimento, nem à organização a ser certificada (SANTOS, 2006, p. 126).

Uma agricultora relatou que, pelo fato de fazerem a comercialização da produção de forma direta com o consumidor, o certificado nacional de produtor orgânico já é suficiente, ficando a critério de cada agricultor de usar o selo Ecovida.

O associativismo rural é o tipo de organização adotado pelo Grupo Agroecológico do Remanso e através dessa organização os agricultores defendem seus interesses em comum, ou seja, o trabalho com a agroecologia. Das dez famílias pertencentes ao grupo, seis são fundadoras e continuam associadas ao grupo e as outras quatro famílias foram se incorporando ao longo dos anos de 2006, 2009, 2016 e 2017.

Referente a importância do associativismo para as famílias pesquisadas, foi citado pelos agricultores, em primeiro lugar a viabilidade da comercialização, em segundo a capacidade produtiva e em terceiro forma de luta. No que se refere à viabilidade da comercialização, os agricultores estão ligados ao Grupo Agroecológico do Remanso porque através da organização em associação é facilitado o trabalho com a agroecologia e a comercialização dos produtos é viabilizada, pois divide-se inclusive os custos da comercialização, caso contrário, não poderiam comercializar os produtos na feira da ARPA-SUL, por exemplo, localizada no município de Pelotas. Através da associação os gastos que envolvem transporte e manutenção do caminhão são divididos, permitindo aos produtores fazerem três feiras semanais. Cabe ressaltar, que é descontado de cada associado no final de cada feira, 2,5% em dinheiro do total da venda dos produtos, isso para a manutenção do transporte e para o caixa do grupo. Com isso, quanto mais o agricultor vende, maior é o valor descontado, caso não comercialize nenhum produto, nada é descontado.

O grupo apresenta uma capacidade produtiva muito grande, pois através da união conseguem ter uma gama de produtos, o que não aconteceria caso trabalhassem de forma individual. E o associativismo é uma forma de luta, onde o agricultor busca seus objetivos juntamente com seus companheiros, gerando mais força e fortalecendo o grupo como um todo.

Os jovens ligados ao Grupo Agroecológico do Remanso estão envolvidos na produção na unidade familiar, na comercialização dos produtos na feira, participam das reuniões e alguns já possuem espaços de produção na propriedade familiar. Também tem a presença de jovens que são sócios do grupo agroecológico, porém ainda não existem jovens que detém algum cargo administrativo dentro do grupo, como coordenação, tesouraria ou secretário.

---

<sup>1</sup> Essa instituição é pioneira no desenvolvimento da certificação participativa. Esse tipo de certificação está regulamentada na Lei 10831/03 e a rede participou ativamente para que isso acontecesse. Este reconhecimento na lei vem propiciando a certificação dos produtos orgânicos para milhares de agricultores familiares e povos e comunidades tradicionais. A certificação participativa ocorre com a integração entre agricultores, técnicos e consumidores com o intuito de assegurar a qualidade do produto final e do processo de produção. A rede possui núcleos nos estados do RS, SC e PR. O processo de certificação ocorre a partir da demanda de um grupo de agricultores interessados a usar o selo Ecovida (Fonte: [www.ecovida.org.br](http://www.ecovida.org.br)).

Na fala de um dos mediadores é perceptível a participação dos jovens no grupo e sua continuidade no meio rural. Esse envolvimento com o trabalho na unidade familiar só é possível quando os mesmos possuem espaços de comercialização, pois esses espaços proporcionam geração de renda e conseqüentemente a permanência desses jovens no meio rural.

#### 4 CONCLUSÃO

A comercialização nas feiras livres compreende uma importante estratégia de reprodução social e econômica adotada pelo grupo estudado, mas isso só é possível porque o mesmo está organizado na forma de associação e assim, consegue estar vinculado a ARPA-SUL. As feiras livres além de proporcionar renda para os agricultores abastecem a população e desenvolvem a economia local. Não são espaços apenas de comercialização, mas de troca de saberes entre os agricultores e até mesmo entre agricultores e consumidores.

As perspectivas quanto à produção agroecológica são positivas, ou seja, tende aumentar o consumo e conseqüentemente a produção. O grupo está organizado e estruturado, a produção é praticamente toda comercializada de forma direta nas feiras da ARPA-SUL, porém um grande problema enfrentado é a falta de mão de obra nas unidades familiares, o que dificulta a expansão da produção agroecológica e conseqüentemente uma diminuição de produtos na feira.

A Associação Regional de Produtores Agroecológicos da Região Sul (ARPA-SUL) e o Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia (CAPA) são os principais parceiros da associação e tem um papel fundamental na organização, produção e comercialização agroecológica, pois estão vinculados ao grupo desde o princípio e desenvolvem um papel indispensável para a existência e fortalecimento do grupo analisado.

Por fim, vale salientar que uma grande dificuldade enfrentada pela população que reside no meio rural da localidade do Remanso é a falta de acessibilidade das estradas, dificultando o deslocamento dos agricultores do grupo, de suas propriedades até as feiras para vender a produção, o que acarreta um aumento nos gastos com a manutenção do caminhão. Nesse sentido essa população se declara desamparada pelo governo municipal e estadual quanto à manutenção das estradas.

#### REFERÊNCIAS

ALTIERI, Miguel Angel; SILVA, Evandro Nascimento; NICHOLLS, Clara Ines. **O Papel da Biodiversidade no Manejo de Pragas**. Ribeirão Preto: Editora Holos, 2003.

BUCHWEITZ, Suzanne. **O tempo compartilhado: 25 anos do Capa**. Porto Alegre/RS, Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor, 2003, 200 p.

CHRISTOFFOLI, Pedro Ivan. Elementos introdutórios para uma história do cooperativismo e associativismo rurais no Brasil. In: NOVAES, Henrique; MAZIN, Ângelo Diego; SANTOS, Lais (Orgs.). **Questão agrária, cooperação e agroecologia**. São Paulo: 2º Ed. Outras Expressões, 2016, p. 169-187.

CONTAG, Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura. **Previdência social rural: potencialidades e desafios**. Brasília, 2016.

FINATTO, Roberto Antônio; CORRÊA, Walquiria. A organização da agricultura familiar de base agroecológica em Pelotas/RS. **Revista Campo-território**, Uberlândia, v.6, n. 11, p. 280-311, 2011.

GODOY, Wilson Itamar; SACCO DOS ANJOS, Flávio. A importância das feiras livres ecológicas: um espaço de trocas e saberes da economia local. **Revista Brasileira de Agroecologia**, Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 364-368, 2007.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Agropecuário 2006**. Rio de Janeiro: 2006. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 18 Fev. 2018.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br>>. Acesso em: 29 set. 2017.

IDE, Hans-Ullrich. **A gente pega junto: protagonismo na agricultura familiar**. Porto Alegre, 2008, 116 p.

KONZGEN, Queli Rejane da Silva. **As estratégias socioeconômicas da agricultura familiar: perspectivas de permanência e continuidade do Grupo Agroecológico do Remanso – Canguçu/RS**. 131f. 2019. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2019.

LUCENA, Thiago Isaias Nobrega de; GERMANO, José Willington. **Feiras Livres: cidades de um só dia, aprendizados para a vida inteira**. Natal: EDUFRN, 2016, 218 p.

MACHADO, Luiz Carlos Pinheiro; FILHO, Luiz Carlos Pinheiro. **Dialética da Agroecologia: Contribuição para um mundo com alimentos sem venenos**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2014. 360 p.

MINNAERT, Ana Cláudia de S. Teles. A feira livre sob um olhar etnográfico. In: FREITAS, Maria do Carmo Soares de; FONTES, Gardênia Abreu Vieira; OLIVEIRA, Nilce de (Orgs.). **Escritas e Narrativas em Alimentação e Cultura**. 1. Ed. Salvador: EDUFBA, 2008. v. 600, p. 130-148.

OLIVEIRA, Adriano Rodrigues de. **O associativismo na região do Pontal do Paranapanema-SP: limites e possibilidades para o desenvolvimento rural**. 2010. 209 f. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2010.

PASQUALOTTO, Nayara; GODOY, Wilson Itamar; VERONA, Luiz Augusto Ferreira. Agricultura familiar e Agroecologia: um olhar sobre o caminhar da juventude rural no sudoeste paranaense. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 08, p. 72-79, 2013.

PETER, Demaicon Schmidt. **Agroecologia como prática de organização social na agricultura familiar: o caso do grupo agroecológico do Remanso – Canguçu (RS)**. Trabalho de Conclusão de Curso – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

PLEIN, Clério; SCHNEIDER, Sergio. Agricultura familiar e estratégias de reprodução: o caso do Município de Iporã d' Oeste, Santa Catarina. **Revista Faz Ciência**, Francisco Beltrão, v. 6, p. 231-254, 2004.

SACCO DOS ANJOS, Flávio. **Agricultura familiar, pluriatividade e desenvolvimento rural no Sul do Brasil**. Pelotas: AGUFPEL, 2003.

SAGAZ, Danilo. A comercialização de alimentos ecológicos e a sensibilização do público urbano para a agroecologia: a experiência de uma ONG de agricultores no Vale do Itajaí (SC). In: LOVATO, Paulo Emílio; SCHMIDT, Wilson (Orgs.). **Agroecologia e sustentabilidade no meio rural**. Chapecó: Argos, 2006, p. 71-84.

SAQUET, Adriano Arriel. A. Reflexões sobre a agroecologia no Brasil. In: ALVES, Adilson Francelino; CORRIJO, Beatriz Rodrigues; CANDIOTTO, Luciano Zanetti Pessôa (Orgs.). **Desenvolvimento territorial e agroecologia**. São Paulo: Expressão Popular, 2008, p. 137-153.

SANTOS, Christiane Fernandes dos, *et al.* A agroecologia como perspectiva de sustentabilidade na agricultura familiar. **Ambiente e Sociedade**, Campinas, v. XVII, p. 33-52, 2014.

SANTOS, José Ermar dos. Feiras livres: (re) apropriação do território na/da cidade, neste período técnico-científico-informacional. **Geografia Ensino & Pesquisa**, Santa Maria, v. 17, n. 2, p. 39-56, 2013.

SANTOS, Luiz C. A certificação participativa de produtos ecológicos desenvolvida pela Rede Ecovida de Agroecologia no Sul do Brasil. In: LOVATO, Paulo Emílio; SCHMIDT, Wilson (Orgs.). **Agroecologia e sustentabilidade no meio rural**. Chapecó: Argos, p. 114-131, 2006.

SCHNEIDER, Sergio. A pluriatividade como estratégia de reprodução social da agricultura familiar no Sul do Brasil. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 16, p. 164-184, 2001.

SILVA, Mylena, *et al.* Importância das feiras agroecológicas para as mulheres e para a construção da agroecologia. **Cadernos de Agroecologia**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 1-5, 2018.

TOSETTO, Estevão Marcondes; CARDOSO, Irene Maria; FURTADO, Silvia Dantas Costa. A importância dos animais nas propriedades familiares rurais agroecológicas. **Revista Brasileira de Agroecologia**, Porto Alegre, v. 8, p. 12-25, 2013.

TUBALDINI, Maria Aparecida dos Santos; FONSECA, Juliana Martins; GIANASI, Lussandra. O associativismo como estratégia de reprodução dos agricultores familiares agroecológicos de Cacoal – Rondônia. In: **Anais do XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária**, Uberlândia, 2012, p. 1-16.

VEDANA, Viviane. Fazer a feira e ser feirante: a construção cotidiana do trabalho em mercados de rua no contexto urbano. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 19, p. 41-68, 2013.